

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

CARLI CAXIAS POPÓ

**COSMOLOGIA NA VISÃO XOKLENG**

TERRA INDÍGENA IBIRAMA LAKLÃNÕ

2015

**CARLI CAXIAS POPÓ**

**COSMOLOGIA NA VISÃO LAKLÃNÕ/XOKLENG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como parte das exigências para obtenção de Licenciado no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Orientador: Prof. Msc. João Rivelino Rezende Barreto.

**TERRA INDÍGENA IBIRAMA LAKLÃNÕ**

2015

CARLI CAXIAS POPÓ

## **COSMOLOGIA NA VISÃO XOKLENG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como parte das exigências para obtenção de Licenciado no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Msc. João Rivelino Rezende Barreto  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Juliana Salles Machado  
Membro  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Clóvis Antônio Brighenti  
Suplente  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana

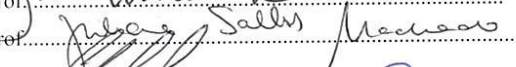



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 10 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, **09 horas**, na **Terra Indígena Laklãnô Xokleng**, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador, **João Rivelino Rezende Barreto**, Titular da Banca, **Juliana Salles Machado**, e, **Clóvis Antônio Brighenti**, Suplente, designados pela **Portaria nº.24/HST/2015**, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o **Trabalho de Conclusão de Curso** do acadêmico **Carli Caxias Popó**, subordinado ao título: **Crenças coletivas na cultura Lakãnô Xokleng**. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Orientador, **João Rivelino Rezende Barreto**, a nota final **8,5**, da professora, **Juliana Salles Machado**, a nota final **8,5** e do professor, **Clóvis Antônio Brighenti**, a nota final **8,5**; sendo aprovado com a nota final **8,5**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Terra Indígena Ibirama Laklãnô, 10 de Fevereiro de 2015.

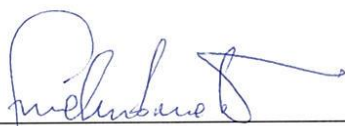
Banca Examinadora  
Prof.   
Prof.   
Prof.   
Candidato 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Carli Caxias Popó, matrícula n.º 11100029, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Cosmologia na visão Xokleng**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.



---

Orientador(a)

**Minha esposa e minhas filhas**

## **Agradecimentos**

A Jesus Cristo, amigo sempre presente, sem o qual nada teria feito. Aos meus pais: Antônio Caxias Popó e Maria Popó, aos meus irmãos (as), a minha esposa Lidiane Vignoli, as minhas filhas Analu Tando, Camila Vacla , Carla Anglo e aos meus netinhos (as).

Aos amigos, que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

Ao Professor João Rivelino Rezende Barreto e ao Professor Dr. Lucas Reis Bueno que me acompanharam, transmitindo-me tranquilidade. Enfim, a todos os professores e coordenadores do Curso.

## **RESUMO**

Ao analisar o tema Cosmologia na Visão Xokleng, destaco relações entre diversas concepções de mundo: mundo natural, sobrenatural, natureza e cultura questionando e expandindo as visões sobre o que é natural e cultural material e imaterial. Destaco aqui alguns dos principais mitos: geração do homem Laklãnõ, das crenças passadas e crenças atuais, que compreende especificamente a realidade deste povo.

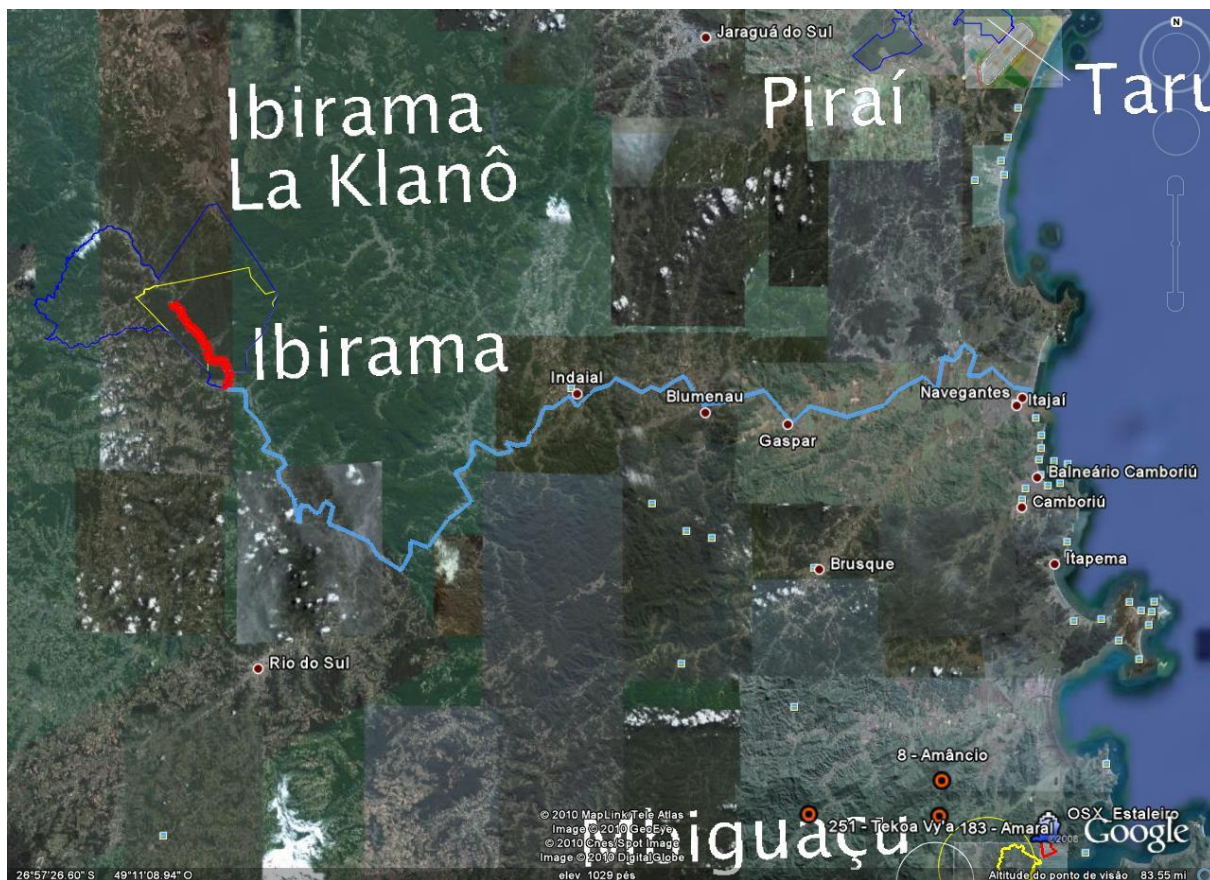
**Palavras chaves:** Cosmologia, Laklãnõ Xokleng.



## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRICO SOCIOLCULTURAL LAKLÃNÕ .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 O povo Laklãnõ Xokleng .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 A nomeação e a identidade Laklãnõ Xokleng .....</b>	<b>15</b>
<b>1.3 O que eu, Carlí, penso sobre o mito Laklãnõ Xokleng .....</b>	<b>16</b>
<b>1.4 Conflitos das crenças Laklãnõ Xokleng .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II - CRENÇAS E A MITOLOGIA LAKÃNÕ XOKLENG .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Memória da formação do homem Laklãnõ Xokleng .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 A tradição Laklãnõ Xokleng como fonte de uma crença .....</b>	<b>29</b>
<b>2.3 Crenças Laklãnõ Xokleng e a presença das religiões .....</b>	<b>31</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>33</b>
<b>Referências Bibliográfica.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## TERRA INDÍGENA IBIRAMA LAKÃNÕ



Fonte: [www.google.com.br/search?q=terra+indigena+laklano](http://www.google.com.br/search?q=terra+indigena+laklano) (acessado em 28 de Janeiro de 2015)

## Introdução

A cosmologia na visão LaklãnõXokleng parte do princípio de que a história não é contada através dos mitos somente, mas os mitos é que faz a história – pensando aqui a história como a realidade que quebra a noção de tempo, passado, e presente. O mito não procura apenas uma explicação, mas cria realidades. A natureza é a cultura de cada povo. A diferença entre mitos e relatos históricos fica mais nítida quando os Laklãnõ dizem que os estranhos não indígenas só dão valores às histórias que são escritas. É, por isso que não respeitam a nossa cultura. Mas com muita certeza, memória e patrimônio estão presentes em nossos dia a dia.

A maioria das populações indígenas de Santa Catarina vivem em terras regularizadas ou que estão sendo revisadas ou identificadas. Sobrevivem de uma variedade de atividades econômicas, bem como a agricultura de subsistência, aposentadoria, além do artesanato para o comércio. Outros ocupam cargos no funcionalismo público, como professores especializados para a educação indígena, agentes locais de saúde entre outros.

O encontro e o contato com o homem branco desde o século passado mudou a cultura e a identidade do povo Laklãnõ Xokleng. Antes disso, nossos ancestrais viviam livres na natureza sem fronteiras e amparadas pelo nosso *KUJÁ* (deus). Fomos massacrados e quase exterminados, roubaram nossa terra a qual consideramos Mãe. Diminuíram o nosso espaço e encurralaram-nos num canto, hoje estamos limitados com fronteiras ao nosso redor. Poluíram os nossos rios, as fontes naturais dos ribeirões, destruíram as matas e os animais que aqui viveram.

A relação do povo Laklãnõ Xokleng com a natureza é muito envolvente, uma vez que a crença em dados míticos e cosmológicos informam sobre as relações entre humanos e outros

seres espirituais de um contexto imaterial. O ser Laklãnõ é viver em consonância com a natureza para a natureza num efeito simbiótico, assim nasce a consciência de preservação, pois é dela que vem o sustento e a sobrevivência.

Para os Laklãnõ Xokleng, todas as coisas espirituais equivale como mecanismo que sustenta a compreensão da relação entre humanos e não humanos numa dinâmica de trocas de intercâmbios e interações. Portanto, para este povo não existe separação entre homem e natureza, mas uma interação, no diálogo com os pássaros, nas orações dirigidas aos ancestrais. A natureza e o sobrenatural também podem se comunicar com as pessoas, trovões, pássaros entre outros, que entendemos como uma cadeia de vida.

Todavia, povo Laklãnõ Xokleng passou por um processo de transformação, e, conforme o que a história indígena descreve nossos ancestrais foram obrigados a se renderem para não serem exterminados. Hoje em dia, temos uma única localização, isto é, a Terra Indígena Ibirama Laklãnõ , e vivemos neste imenso país chamado Brasil que outrora era nosso e nos roubaram.

## **CAPÍTULO I - BREVE HISTÓRICO SOCIOLCULTURAL LAKLÃNÕ**

## 1.1 O povo Laklãnõ Xokleng

Os Xokleng, residentes na Terra Indígena Laklãnõ, são considerados os sobreviventes de um processo brutal de colonização, iniciada a mais de um século, que quase dizimou por completo a nossa cultura. Nas últimas décadas, ocorre intenso debate em torno do processo de colonização, da história e da cultura desse povo.

Os indígenas da Terra Indígena Laklãnõ Xokleng, possuem um contexto histórico de resistência frente ao processo de colonização europeia na região, principalmente italianos e alemães, instalados na região do Vale do Itajaí, a partir da metade do Século XIX. Esse processo de colonização provocou a redução dos espaços de ocupação e a morte de grande números de indígenas, chegando quase a ser dizimados.

Uma das formas que os indígenas encontraram para se protegerem dos ataques dos primeiros colonizadores da região foi o refúgio às margens do rio Itajaí do Norte, também conhecido como ri Hercílio, entre os municípios de Itaiópolis (norte), Doutor Pedrinho (leste), Vitor Meireles (oeste) e José Boiteux (sul).

O povo Laklãnõ Xokleng pertence ao grupo Linguístico Macro-Jê<sup>1</sup>. Historicamente, também foram conhecidos como bugres, Botucudo, Xokren e outras denominações que indicam a sua presença na Região Sul do Brasil, compreendidos entre o litoral e o planalto, desde Curitiba, no Paraná, até Porto Alegre a Rio Grande do Sul. Conforme as pesquisas de Silvio Coelho dos Santos (1973), o termo Bugre é usado no sul do Brasil pra designar indistintamente qualquer indígena. Sua aplicação tem conotação pejorativa, pois encerra as noções de “selvagem” e “inimigo”. Botucudo, outra designação dos Xokleng, foi termo

---

<sup>1</sup> <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias> (acessado em 19/03/2015)

decorrente da utilização de enfeite labial – tembetá - por parte dos membros adultos do sexo masculino.

Geralmente, as denominações estabelecidas pelos não indígenas acabou permanecendo como meio de identificação em vários contextos culturais indígenas. Antes mesmo da denominação dos brancos já existia também um nome da forma como os próprios indígenas se identificavam, no nosso caso Laklãnõ.

Hoje em dia, em nível da Terra Indígena a que estamos se referindo está em discussão o próprio uso do termo Xokleng para Laklãnõ, ou seja, tendo conhecimento de que a primeira denominação reflete de forma pejorativa, maioria começam a se articular para que o termo Laklãnõ se concretize mais na identificação indígena.

## **1.2 A nomação e a identidade Laklãnõ Xokleng**

O termo Xokleng, nome dado pelos pesquisadores e que significa “aranha” ou “taipa”, até então foi o mais utilizado pelos colonizadores para nomear este povo, mas antes disso, como já afirmamos acima, já se conheciam como Laklãnõ, esse sempre foi o nome de identificação tradicional. Assim, os Laklãnõ se identificavam etnicamente e com nomes em Laklãnõ.

Conforme as informações de Santos (1973, 1999, 2004), inicialmente, estes indígenas, foram chamados de Bugres, termo genérico usado para designar qualquer indígena do Sul do Brasil. Também foram chamados de Botocudos, por terem o hábito de usar o tembetá ou botoque, um enfeite usado pelos homens adultos no lábio inferior. Foram chamados, ainda, de Kaingang, pois eram semelhantes a outros indígenas desta etnia já constatados no Paraná.

Atualmente, para os Laklãnõ é importante que o nome da forma como os mesmos se identificam se consolide cada vez mais, mas também reconhece-se de que esse procedimento precisará de um tempo para se concretizar, isso do ponto de vista externa, uma vez que em nível interno é claro que o que prevalece é Laklãnõ.

Geralmente, existem questionamentos quanto aos significados de um nome indígena, mas que a princípio isso é muito inquietante para os indígenas, uma vez que não explicam constantemente o significado do nome étnico ao qual pertence. Isso não significa que estejam negando sua própria cultura, mas simplesmente porque sabem certo quem são, como vivem, como surgiram, de onde vieram, que língua falam, como se organizam, enfim, como são enquanto falantes de uma língua e detentores de uma cultura específica e diferenciada, é tudo isso que está em jogo na cultura Laklãnõ.

Mas também não é uma negação ou uma justificativa, uma vez que também trazem um significado e significado muito cultural, isto é, Laklãnõ significa Povo sob o Sol ou Povo Ligeiro. Hoje em dia é conhecido também como Terra Indígena Laklãnõ Xokleng, isso a partir do ano de 2000, antes era conhecido como Área Indígena Duque de Caxias, Posto Indígena de Ibirama.

### **1.3 O que eu, Carlí, penso sobre o mito Laklãnõ Xokleng**

Assim como outros povos e suas respectivas culturas em diferentes lugares, o povo Laklãnõ descreve sua cultura a partir das concepções provenientes dos mitos. Em prática, esse exercício memorial continua se concentrando e envolvendo em diferentes termos nas comunidades indígenas.



Não há dúvida de que os mitos, a cosmologia integram as nossas vidas, bem como continuarão existindo e fazendo da vida das nossas crianças indígenas que terão oportunidade para manterem vivas as tradições, as crenças e as manifestações simbólicas que funcionam como um elo, medindo os conflitos e mantendo a ordem social na comunidade.

Para os Laklãnõ as histórias do seu povo são importantes, e entendem que não é simplesmente um conto, mas sim fatos históricos que dentro de sua concepção tenha de fato acontecido dentro de um processo de formação mítica para o processo de formação sociológica. Assim, entendem que seus saberes se imortaliza tradicionalmente através da imortalidade de sua história que trazem as ações de personagens demiurgos entre outros fatores.

Frente aos desafios que surgem diariamente na Terra Indígena existe também a preocupação para que os saberes Laklãnõ continue sendo valorizado junto as crianças, mas que é necessário articular conforme o seu nível de conhecimento que cada um têm na comunidade. Vale ressaltar que, mesmo que estejamos apresentando a importância, existência e valorização de uma cultura local, existe séries de situações críticas em relação à manutenção e uso da Língua Laklãnõ, uma vez que os falantes são poucos, precisamente só os mais velhos é que falam, enquanto que seus filhos, a nova geração, só compreendem a Língua Laklãnõ, assim como tem outros que já não compreendem mais.

Essa preocupação é justamente por causa da necessidade de manter viva a memória da história do povo Laklãnõ, isto é, sem o conhecimento e domínio de uma língua não é possível conhecer uma história. Portanto, a preocupação em preservar a Língua Laklãnõ não é simplesmente para que as pessoas falem ou se comuniquem na sua língua específica, mas que continuem a possibilidade de conhecer sua cultura a partir de suas linguagens.

Do ponto de vista de quem conhece melhor sobre as tradições míticas, o mundo em que habitamos se configura através de canto e mito com um significado muito especial na realidade vivida e na vida de cada um. Enquanto que do ponto de vista do não indígena trata-se de um mito ou cosmologia representam uma ficção e que vão além da representatividade e da vivência cultural de um povo (PASSINARI, 2004).

Geralmente a história Laklãnõ traz em memória fatores simples, mas que apresenta a “voz” do mundo inanimado, do universo imaterial habitado por animais. Trata-se de um ensino que apresenta conteúdos éticos e morais da cultura Laklãnõ. Assim, existem fontes variantes que trazem informações sobre o ser indígena, como é o caso da história do Quati diante do pinheiro. Esses contos são realizados pelos sábios e pessoas mais velhas da aldeia. Vejamos no caso a história do Quati.

Dizem que Quati costuma subir no caule cilíndrico do pinheiro para alcançar a altura máxima da árvore para buscar o que precisa. Em seguida, com o alimento junto ao corpo desce de um jeito que não se machuca, voltando para a sua família. Esta pequena história na verdade descreve a compreensão da moral Laklãnõ, no sentido de que quando uma pessoa estiver precisando de ajuda ou que esteja com complicações na saúde, é necessário buscar uma inspiração e olhar para os animais que voam e sobem nas árvores, é como se estivesse buscando uma imaginação, e fazendo esse movimento para depois se juntar a seus familiares levando algo de bom para o seu povo.

Outro modelo de narrativa é apresentado por Nanblá Gakran<sup>2</sup>, que trata de um mito indígena Laklãnõ. Nele, Loro era um homem da comunidade que podia ter contato com espíritos. Isso, porque, na concepção Laklãnõ, quando uma pessoa morre vai para um lugar que já está preparado para recebê-lo e ali permanecer enquanto a vida continua para os

---

<sup>2</sup> Professor Laklãnõ, residente na Terra Indígena Ibirama Laklãnõ.

demais. Mas que nesse lugar preparado para as crianças tinham um lugar privilegiado. Nessas condições é que para a comunidade LORO tinha o poder de buscar a alma dos mortos para trazer e colocá-la na barriga de uma mulher que estivesse gestando um filho, para que esse novo filho representasse em espírito aquele que morreu. Trata-se, portanto, da concepção de reencarnação Laklãnõ.

Outro exemplo mais pontual é o que Nanblá Gakran quando compartilhou de uma situação que ocorreu em sua família, com um irmão que estava com sarampo e conseqüentemente veio a falecer. Diante desse fato, e seguindo de acordo com as normas da tradição Laklãnõ, e como a pessoa era adulta seguiu-se o ritual de queimação do corpo. Vale ressaltar que a queimação do corpo só é realizado com os adultos, enquanto que com as crianças, quando estes morrem, o regimento Laklãnõ orientava para que o corpo fosse sepultado, e tudo o que era dela, os brinquedos, por exemplo, deveria ser mantido, para que a mãe pudesse chorar; essa era uma forma de chamar a criança de volta, onde o espírito pudesse brincar com as coisas que lhe pertencera.

Para o povo Laklãnõ a morte é vista como uma passagem, não como um fim. Assim, o filho que foi perdido retorna ao mesmo lugar de origem, ambiente familiar ou mesmo na aldeia, porém, não necessariamente sendo a mesma pessoa, podendo ou não portar as mesmas características físicas ou de personalidade de uma pessoa falecida. Portanto, na concepção Laklãnõ o espírito de uma pessoa falecida continua presente tanto no ambiente familiar, assim como no espaço comunitário.

A conexão entre a cultura Laklãnõ e seus respectivos rituais é outro modo de lidar com a memória tradicional. Em certo momento, os rituais descrevem a própria história, a história de ações de demiurgos. Além disso, expressam acontecimentos do passado que passaram a se estabelecer como fontes de crenças, tradições. No caso dos Laklãnõ se estabelece a

apresentação da cosmovisão de sua cultura que tem seus fundamentos tradicionais com base nas histórias vivenciadas pelos seus ancestrais, mas que tem uma conectividade contínuo para o contexto sociológico, ou seja, o reflexo de um contexto mítico para o contexto sociológico é muito presente entre os Laklãñõ, incluindo o nascimento, crescimento, bem como a própria morte, é o que conta o senhor Weitcha da Terra Indígena Laklãñõ

que uma mulher quando está esperando o bebe, antes de nascer ela já possui um óleo preparado para quando na ocasião desse nascimento, a criança ser ungida numa espécie de batizado, em outras famílias esse rito pode ser identificado por uma cordinha amarrada ao pé da criança ou pelo umbigo que era amarrada ao pé de uma árvore chamada Maria Mole, cuja escolha se deve ao fato dela crescer ligeiro, ou seja, de tamanho (estatura), para não ser interrompido no seu crescimento. (Weitcha, Terra Indígena Laklãñõ).

Essa atenção é muito típico da cultura indígena, e entre os Laklãñõ não é diferente na medida em que a vida humana se conecta com a natureza, ao ponto de entender que o crescimento de uma criança, por exemplo, precisa se inspirar a “movimentação” da natureza, isto é, as mães, especificamente as que conhecem as ervas medicinais, preparam remédios cuja finalidade é fazer com que a criança tenha um bom desenvolvimento corporal em seu processo de crescimento.

Enfim, essa relação com a natureza é muito estreito entre os Laklãñõ e, ao mesmo tempo, define a própria etnicidade desse povo quando estes entendem que seus ancestrais surgiram desta ou daquela forma. Aliás, cada povo indígena tem costume de descrever sua cosmologia, suas histórias, a forma como seus ancestrais surgiram e como se sucede a vida em relação a própria vida da natureza. Essa dinâmica é muito forte entre os indígenas.

#### 1.4 Conflitos das crenças Laklãnõ Xokleng

O povo Laklãnõ Xokleng habitava a região sul do Brasil a milhares de anos atrás. Com o passar do tempo, foram confinados no Alto Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina, numa área de aproximadamente 14 mil hectares; a terra era maior, mas foi reduzida, embora toda reserva é uma redução. Foram perseguidos e quase exterminados e para que isto não acontecesse foram obrigados a se renderem ao homem branco.

Como consequência disso perderam parte de sua cultura e tradição, mas que conseguiram superar os muitos desafios enfrentados. Mesmo envolvidos em muitos desafios nossos ancestrais conseguiram preservar a cultura Laklãnõ e isso fez com que não esquecessem a sua identidade cultural, e não é de duvidar que muitos investimentos foram realizadas por pessoas interessadas em ocupar as terras indígenas e, portanto, logo quiseram eliminar, mas não conseguiram.

No passado as crenças do povo Laklãnõ se baseava na própria natureza, ou seja, no sol, na lua, no vento, na chuva, nos trovões, nos animais, nas plantas. E, a intermediação desse conhecimento ficava sob a responsabilidade do *Kuja* (Camlém), o curandeiro na tribo, que previa também acontecimentos tanto do ponto de vista do presente, bem como o que pode acontecer no futuro, seja coisa boa ou mal, que poderia vir a acontecer com o povo Laklãnõ.

Para os Laklãnõ, a sabedoria que vem desde seus ancestrais é muito importante, porque, descreve também a própria cultura na medida em que possibilita a capacidade de conhecimento, habilidade de um determinado povo. Ela é construída de forma conjunta e reúne todas as experiências do povo através dos tempos. Quando surge um desafio, obviamente que esta sabedoria será como uma ferramenta, um instrumento capaz de fazer com que a pessoa ou o grupo consulte o passado para dar uma resposta ao problema atual.

Do ponto de vista mítico, muito bem aceito tradicionalmente, os ancestrais da geração Laklãnõ Xokleng, dizem que alguns vieram da montanha, que seriam os *Klêdo* e outros vieram da água provavelmente do mar, esses seriam os *Vâjeki*. Assim, os Laklãnõ Xokleng devem a sua formação cultural a dois ancestrais, um que surgiu das montanhas e outro que surgiu da água. O que surgiu das Montanhas passou a ser o ancestral dos *Klêdo*, e o que surgiu da água passou a ser o ancestral dos *Vâjeki*. De forma que, todos os Laklãnõ nos dias de hoje tem como referência de linhagem os dois ancestrais, além das marcas.

## **CAPÍTULO II - CRENÇAS E A MITOLOGIA LAKÃNÕ XOKLENG**

## 2.1 Memória da formação do homem Laklãõ Xokleng

Uns saíram da montanha e outros saíram da água provavelmente da água do mar. Esses que saíram da água são os *Vājeky*. Eles queriam sair e ficaram esperando em baixo da água, para saber a hora certa. Enquanto isso *Plándjug* abrindo caminho, até que ele subiu em cima de uma montanha para ver melhor os campos. *Plándjug* ficou muito encantado com a natureza e suas belas paisagens e não sabia o que fazer com tamanha beleza, pois nunca tinha visto algo semelhante. Ficou caminhando por lá até que viu um capim e arrancou-o e deu para o seu companheiro *Txu Txuvanh* que estava junto com ele e disse: “amigo *Txu*! Vamos levar esta raiz para o chefe *Vājeky* ver”.

Então os dois levaram, e quando chegaram *Plándjung* pegou a raiz e pendurou-a e depois disse: “senhores chefes, querem ver o que eu trouxe? Se quiserem saiam para ver”. Escutando isso, *Vājeky* olhou pela janela de sua grande casa e viu aquela coisa estranha. Então, ele saiu para ver melhor e logo foi se familiarizando com ela. *Vājeky* disse: “agora sei que um dos maiores chefes é *Plándjug*, por isso, trouxe-me esta raiz que nunca tinha visto na minha vida. Agora junto com esta raiz de capim que *Plándjug* trouxe enfrentarei todas as lutas”.

Depois disso, *Vājeky* chamou seu amigo *Zágpõpê* e disse: “chefe *Zágpõpe*, venha ver uma coisa estranha que nosso amigo *Plándjug* trouxe para mim”. Escutando isso, *Zágpõpe* olhou pela janela de sua casa, porém não conseguiu ver muito bem, então saiu para ver melhor e disse: “onde é o caminho que os homens subiram?” *Vājeky* respondeu: “o caminho é por aqui”.

Com essa informação *Zágpõpe* foi subindo e admirando pelo caminho, pois nunca tinha visto uma paisagem tão bonita como aquela. Então, subiu encima da montanha para ver



melhor. Quando *Zāgpōpe* estava andando, uns gaviões sobrevoaram em cima dele e ele não sabia o que fazer, pois queria matar um para levar de presente ao chefe. Olhou para baixo e viu um capão de mato e desceu ali, quebrou umas varas de canelinha, trouxe para o lugar onde estava e começou a fazer flechas.

Depois de prontas, *Zāgpōpe* começou a treinar para começar a atirar. Após bastante treino foi ao local onde estavam os gaviões e começou a atirar nele, até que começou a matar um. *Zāgpōpe* ficou muito contente, pegou-o e deu para o seu amigo *Txu Txuvai* que estava ali, e disse: amigo *Txu*, agora vamos levar este presente para o chefe *Vājeki*. Vieram trazendo pelo caminho e quando chegaram penduraram o gavião na varanda da casa grande do chefe. *Zāgpōpe* disse: “senhores chefes, quem quer ver o que eu trouxe? Se quiserem ver saiam”.

Escutando isso, *Vājeki* olhou pela janela e viu aquela coisa estranha e saiu para ver melhor. Quando familiarizou – se ficou muito contente e disse: “agora, junto com esse gavião que meu amigo *Zāgpōpe* matou enfrentarei os homens que vieram ao meu encontro e farei o gavião meu amigo e juntos enfrentaremos as lutas que vierem. Depois chamou amigo de *Zāgpōpe* que era o chefe do *Pazi* e disse-lhe: “chefe *Pazi*, venha ver uma coisa estranha que nosso amigo *Zāgpōpe* trouxe para mim”. Escutando isso, *Pazi* foi ver o que era e perguntou onde era o caminho que os homens estavam indo.

A ouvir isso, *Vājeki* mostrou a ele e ele foi subindo. Os primeiros que foram abrindo o caminho fizeram ranchos na beira da estrada. *Pazi* queimou os ranchos que viraram uma bola de cinza e brasa. Então ele pegou essa bola, deu para o seu amigo *Txu* para levarem ao chefe. Quando chegaram, *Pazi* pendurou a brasa na varanda da casa grande do chefe *Vājeki* e disse: “senhores chefes, quem quer ver o que eu trouxe? Se quiserem podem ver”. Escutando isso, *Vājeki* olhou para a janela e viu a grande brasa das casas que estavam na beira da estrada.

Ao perceber o que era, sentiu-se humilhado e disse ao *Pazi*: “*Pazi*, você não é homem, pois queimou as nossas próprias casas se ainda me trouxe suas brasas e cinzas”. Abandonaram *Pazi* ali e continuaram a viagem até que acharam outro lugar para eles pararem e festejarem novamente. Quando estavam festejando, escutaram um barulho de outros homens que estavam vindos pelo caminho que eles haviam aberto. *Vājeki* ficou preocupado, com muito medo sem saber o que fazer. *Vājeki* planejou inventar alguma coisa para se defender daqueles homens que estavam vindo. Ele derrubou um pé de *kaplu* e começou a moldá-lo em forma de uma onça. Depois de pronta colocou-a onde eles estavam dançando. Esta foi a primeira onça que *Vājeki* fez. Disse para a onça: “minha criação você pode gritar do jeito que quiser”. Todos se afastaram dela e ficaram de longe espiando. Ela gritou assim: *Hynh ,hynh, hynh!!!!*

*Vājeki* queria fazer uma onça, mas ela se transformou em anta. Ele falou: “minha criação você é uma anta, por isso gritasse assim, *hynh!* Agora você irá andar pelos campos comendo ervas, gabioba e outras frutas. *Vājeki* deixou a anta ali e eles continuaram a viagem, festejando pelo caminho. Novamente pararam para *Vājeki* tentar fazer outra onça, só que desta vez seria feita de pinheiro. Com galhos de pinheiro fizeram os pés e com os pinhões os dentes da onça.

Começaram a pintá-la, porém ninguém sabia pintar uma onça. Enquanto isso *Zāgpōpe*, que vinha atrás deles, escutou um barulho e perguntou-lhes por que estavam tentando pintar a onça. Eles responderam que escutaram barulhos de muitos homens vindos pelo caminho que eles haviam aberto e resolveram fazer a onça para protegê-los, mas a primeira foi feita com *kaplu* e não deu certo. Prepararam a segunda de pinheiro e agora não sabem como pintar e por isso fazem muito barulho. *Vājeki* perguntou: “como é o seu nome?”

Ele respondeu: meu nome é *Zāgpōpe Paté*.

*Vājeki* disse: meu amigo venha, por favor, pintar a minha criação.

Quando terminaram de pintar a onça levaram-na para onde eles estavam dançando e *Vājky* falou: “minha criação, agora, você pode gritar do jeito que quiser”. Depois todos se afastaram e ficaram espionando de longe. Como ela demorava muito para gritar, *Vajky* assobiou o canto do “*Natnh*” e todos ficaram festejar até que de repente a onça começou a gritar, fazendo: Tig, tig,... zin, zin, zin!... E eles ficaram muito contentes porque a criação do *Vājky* criou a vida.

Então *Vājky* disse: “minha criação, sei que agora é onça, pois gritaste desse jeito. Eu estava com medo dos homens que estavam vindo, por isso criei você, e agora farei de você minha amiga e companheira para juntos enfrentarmos as lutas que vieram ao nosso encontro e juntos venceremos”. Depois disso, foram juntos com a onça até a montanha dos gaviões onde tinham muitos homens, e soltaram-na nas encruzilhadas dos caminhos. *Vājky* disse: “minha criação, agora, você pode ir atrás do que desejar comer”. Como a onça estava olhando para os caminhos dos “índios” *Zógu* e dos guarani, rugindo, eles perceberam que a onça queria atacar essas tribos. *Vājky* disse: “você está querendo comer o *Zógu* e os guarani, por isso que está rugindo para o lado deles. Se quiser atacá-los vá à noite e ataque também os filhos deles. A onça partiu pelo caminho a fora. Eles ficaram festejando nas encruzilhadas do caminho e depois continuaram viajando. *Vājky* ficou festejando até perceber que estava sozinho e falou: “se eu soubesse para aonde foram todos os meus amigos e parentes eu iria atrás deles e não estaria sofrendo sozinho aqui nesta terra”.

É através deste mito que o povo *Laklānō Xokleng* concebe os três troncos familiares. São as marcas da onça que levamos para as nossas vidas. Processo da cultura da qual onde sabemos se podemos casar ou não. Se tiver a mesma marca é proibido o casamento, ou seja, são parentes. Os antepassados assim falavam e assim eles sabem e não farão diferente, o certo é indiscutível.

Ele foi, mas a onça era muito grande e causou-lhe medo. Então, de longe, esticou os braços e pintou o pescoço com manchas arredondadas fechadas e nas costas manchas compridas. Depois disto, disse o chefe: “chefe *Vājeky*, você não sabia pintar e agora sabe. Olhe as minhas manchas e continue”.

*Vājeky* ficou contente, agradeceu o amigo e disse-lhe: “meu amigo, agora eu continuo pintando a minha criação. Ajudaste-me a pinta-la, tens o direito de criar uma para você”. No começo, ele não quis nada e disse ao chefe *Vājeky*: “não posso fazer isto, pois posso criar coisas perigosas para destruir os homens, depois me sentirei o culpado e ficarei com vergonha. Eu não vim aqui para destruí-los, vim para festejar”. Mas logo mudou de ideia, e quando estava indo, disse: “vou criar uma cobra com minha própria sujeira”. E foi embora. *Vājeky* continuou pintando a sua criação e, novamente, começaram a fazer muito barulho. Outro amigo, Zezé, estava vindo atrás e perguntou-lhe o porquê de tanto barulho. *Vājeky* contou a história e pediu ao amigo Zeze que pintasse a sua criação.

Zeze obedeceu ao pedido, porém ficou com medo do tamanho da onça e de longe esticou os braços e pintou manchas compridas e outras circulares abertas no meio da paleta da onça. Depois, disse ao chefe: “você não sabia pintar, agora olhe as minhas manchas e continue pintando”. *Vājeky* respondeu: “sei que agora o meu único e melhor amigo é o Zeze, pois veio pintar a minha criação”. Eles ficaram muito felizes e se despediram. Logo atrás, vinha um terceiro amigo, *Txu Txuvanh*, e perguntou-lhes também o porquê de tanto barulho. *Vājeky* explicou-lhe sobre os homens que estavam vindo pelo caminho e que eles ficaram com medo e resolveram criar uma onça. A primeira não deu certo pois era de *Káplun*, mas a segunda foi feita de pinheiro, porém não sabia como pintá-la. Pediu, então, para que seu amigo ajudasse.

*Txu Txuvanh* foi pintá-la, mas ficou com muito medo e esticou os braços e pintou manchas circulares abertas e outras circulares fechadas. Disse ao chefe: “chefe *Vājegy*, você não sabia pintar, mas agora olhe as minhas manchas e continue pintando”.

O ser humano independente de sua etnia é cercado pela sua crença e cultura tradicional. No caso dos Laklãnõ essa breve história é que passo a condicionar para que houvesse as identificações através das marcas.

## **2.2 A tradição Laklãnõ Xokleng como fonte de uma crença**

O povo Laklãnõ Xokleng antes do contato com a cultura não indígena acreditava nos espíritos da natureza que, cada ser da natureza possui um espírito “**KUPLÊ**” que deveria ser respeitado. Por isso respeitar a natureza não era apenas uma regra de conduta, mas uma lei e quem desobedecesse ao ritual sofria as consequências do mal feito.

O **KUJÁ** era a pessoa que conhecia todos os espíritos e era o que tinha contato direto com eles, podendo nesse sentido, interceder por alguém ou pelo povo, que depois de cometer um erro, tomasse a condição de arrependido durante a cerimônia aos espíritos.

No passado os Laklãnõ Xokleng tinham a sua crença tradicional, em espíritos de animais como bugio, aves selvagens, trovões e até nas plantas. Exemplo disso, é, quando o bugio ronca nas serras. Para os Lklãnõ, isso tem um significado, é um sinal prévio de um acontecimento (morte de um ente querido). Outro detalhe sinalizador é quando tem uma ave Aripina (*Kókóly*) que canta sobre as montanhas ou quando há trovões (estouro) no céu mesmo o tempo estando bom. Nesse caso, é sinal de algo bom ou ruim que está por vir sobre o povo Lkãnõ Xokleng. Neste momento acredita-se que é o **KUJÁ** (*Kanlém*), que está

vigiando e avisando o seu povo e que é para eles se prepararem para receber tal acontecimento.

Outra crença tradicional, que ainda é forte entre o povo Lklãnõ, é quando o tempo está nublado e choviscando (dénjangó vã), isto quer dizer que vai acontecer algo triste e também quando uma árvore cai ou se quebra no mato (morte de um ente querido). Tudo isto ou estes casos que é da nossa cultura Laklãnõ é bem forte, apesar da influência de outra religião ocidental que existe dentro da Terra Indígena, que é a evangélica.

Um dos mitos importantes que minha mãe Maria Popó me contou é que na terra deu uma grande tempestade de chuva e a terra ficou submersa de água e toda a espécie de vida morreu. Mas, apenas um homem sobreviveu. Diz a história, que o nível de água aumentava e este homem subiu na mais alta montanha, mas a água chegou até lá, e então tinha um pé de coqueiro naquele local e o homem subiu naquele coqueiro e tudo ficou escuro (noite) e quanto mais a água subia aquela árvore crescia. Então, o índio ficou durante muito tempo sobre aquele coqueiro, mas sobreviveu comendo os coquinhos daquela planta.

A todo momento aquele homem jogava um coquinho pra baixo (na água), pra ver se estava baixando o nível d'água e nada de sinal o que ele ouvia era o som do barulho quando o coquinho caía na água. Mas certo dia, quando ele jogou aquela fruta pra baixo novamente na água, não ouviu mais nenhum barulho de água e resolveu descer. Chegou ao chão, não tinha mais inundações. E o "índio" andou, andou, andou, andou! Solitário na vida e ao longo de sua viagem escutou de muito longe enormes barulhos como se fossem trovões, e, aquilo veio se aproximando dele e quando eles se encontraram eram seres humanos que vinham jogando grandes rochas para secar por completo as águas. E aquele "Índio" foi embora com eles. Diz este mito que é por causa disso que existem as montanhas, as serras, as grotas, os vales isto

quer dizer que aconteceu por causa da queda das grandes pedras que eles jogavam no chão pra secar o solo.

No passado o povo Laklãõ Xokleng tinha sua crença tradicional e acreditavam no seu representante Deus (kujà), denominado CAMLÉM. Fato é que, de certa forma, passa-se a entender que mesmo havendo conflito entre a religião e cultura Laklãõ/Xokleng existe uma convivência pacífica

### **2.3 Crenças Laklãõ Xokleng e a presença das religiões**

A primeira religião não indígena que veio na Terra Indígena foi a católica, aproximadamente em 1930, onde várias pessoas se converteram e seguia a doutrina desta religião. A intenção era de convertê-los e esquecer da crença tradicional.

Com o passar dos anos aproximadamente em 1940, chegaram os evangélicos, quando vários Laklãõ Xokleng aceitaram esta denominação evangélica A Assembleia de Deus, dirigida por não índio, com o intuito de convertê-los ao cristianismo foi se destacando, passou a existir pastor indígena que na verdade adota a imagem de um pastor não indígena na forma de pregação. Em 1955, o povo Laklãõ Xokleng conheceu a primeira igreja evangélica, inaugurada em 05 de junho de 1955, tendo como objetivo a conversão dos corações sem “Deus” dos indígenas. Desde então a religião cristã veio ganhando espaço entre os Laklãõ Xokleng e hoje é uma das principais instituições deste povo contendo, inclusive, uma congregação em cada aldeia.

Hoje em dia, as coisas passaram a se diferenciarem na medida em que os próprios indígenas passaram a ser pastores e ministros que orientam e conduzem a fé dos fiéis dentro da Terra Indígena. E, a partir do ano de 1986, o povo laklãõ Xokleng, começou a se idealizar

e planejar no intuito de que tinham condições de se organizar e dirigir o Evangelho dentro do sistema estabelecido pela Assembleia de Deus. Não foi mais aceito a jurisdição dos não índios.

Atualmente a Terra Indígena Laklãõ está dividida em oito aldeias e em cada aldeia há seu dirigente da própria etnia na igreja com organização própria. Essa organização se estabelecer da seguinte forma: pastor presidente; pastor vice-presidente; presbiterado e dirigentes locais para cada aldeia. Para tanto, todos são indicados pelo pastor presidente como pessoa de confiança. Há uma regra que se segue no caso de cumpri-las e o mesmo é substituído.

Os cultos são realizados nos dias das semanas como terça feira, quinta feira, sábado e domingo, assim sucessivamente. As festas da igreja seguem conforme a organização de cada igreja da aldeia. O batismo dos fiéis é realizado a partir dos doze anos de idade e segue as orientações da igreja local, e como se trata de igrejas pentecostais, os batismos são realizados no rio. No caso de uma criança recém nascida é levada na Igreja para ser apresentada ao Pastor que, por sua vez, apresenta e consagra a Deus mediante orações para ter uma vida plena e digna.

Neste caso nota-se que ainda a igreja está tirando a cultura natural do povo Laklãõ Xokleng. Apesar de seguir a religião evangélica que é uma crença totalmente dos “brancos”, o povo Laklãõ continua acreditam ainda na crença tradicional. Um dos exemplos claros, é a crença na natureza, nos trovões, ventos, vegetais. Nesse caso, sol com chuva (*dén jag góvã*) vem a ser sinal de algo que vai acontecer, por exemplo, é uma previsão de que algum parente ou amigo, seja isso na aldeia ou outro lugar, vai morrer.

Nos animais, como o bugio, dizem que quando ele ronca nas montanhas está avisando que algo vai acontecer, geralmente é relacionado a morte de algum parente ou amigo.



Acredita-se muito em aves, inclusive, existe um passarinho chamado **JOL**, que tem dois tipos de canto triste com a previsão de que certa viagem planejada vai dar tudo errado, mas quando o canto é alegre obviamente que sinaliza que vai dar tudo certo, seja isto na caça, pesca, coleta de mel no mato, bem como para realização de outra atividade.

Outra crença se relaciona ao pássaro chamado *KOKÓLJ* (Kamlém) que ao sobrevoar e cantar nas montanhas “diz” que é o Kamlém que está cuidando do seu povo, alertando de que alguma coisa pode acontecer ou que o inimigo “branco” (zug) está se aproximando.

### **Considerações Finais**

Pelas histórias que descobri ao longo deste trabalho, pude fazer algumas reflexões, pelos caminhos onde o meu povo andou, há tanta dor, tantos desafios, mas que conseguiram seguir cultivando a cultura Laklãõ a seu modo, tempo, espaço e possibilidades.

Historicamente, há mais de quinhentos anos, diversos povos habitavam essas terras onde hoje é conhecido como Brasil. Falando especificamente do povo Laklãõ Xokleng, e também do ponto de vista tradicional, esse povo vivia com um sistema político específico, econômico, cultural e religioso. A partilha, a ternura se fazia presente, mas a partir do contato com os colonizadores, fez com que, de certa forma, perdessem autonomia e a própria liberdade, passou a conhecer o jugo da escravidão, opressão e desvalorização de sua tradição,

Por meio da catequese e evangelização, aliadas ao sistema de escravidão, ocorreu em nossa terra de forma inconsciente e discriminatória, o início do processo de extermínio da cultura deste povo. Em todo o período da história esse povo foi perseguido duramente por parte dos pretensos seres civilizados. Assim, muitas riquezas indígenas passaram por

situações conflituosas, os mitos, a cosmologia. Diante disso, passo a entender que a perda de uma língua representa também a própria perda da cultura de conhecimento indígena.

Tradicionalmente, uma das metodologias de ensino e aprendizado para a preservação de uma cultura era o sistema de coletividade estabelecida na dinâmica diária na comunidade, e a necessidade de partilha possibilitou, portanto, para que esse povo, em todos os períodos históricos, de uma maneira ou de outra, encontrasse formas de resistência e organização, em defesa da autonomia e protagonismo, consequentemente da nossa tradição, culturas e vidas.

Através disto vejo que os mitos e cosmologia Laklãõ Xokleng, é a maneira pra contar acerca do modo de viver deste povo, pois cada povo tem sua história, seus costumes, sua maneira de viver, suas cultura própria, sua língua diferenciada que caracteriza uma especificidade. A maneira de entender a cultura do meu povo, é um processo participativo e coletivo, que deve estar presente na comunidade.

Não é de duvidar que a tradição Laklãõ Xokleng vive em meio a muitos desafios nos dias de hoje, entre a ideia de valorização cultural, bem como a desvalorização cultural, onde o envolvimento com o espaço externo de uma cultura interna faz com que a própria cultura Laklãõ Xokleng entre em choque. Diante disso, muitas crenças da mitologia Laklãõ também entram em situação crítica quando os próprios Laklãõ não dão sequência à vivencia de uma cultura ritualizada. Enfim, é importante ressaltar que, embora que haja um choque cultural, as crenças da tradição Laklãõ Xokleng continuam existindo, pois, mesmo que as pessoas estejam envolvidas com as culturas envolventes, não deixam de preservar em sua consciência.

Através disso vejo que os mitos e cosmologia Laklãõ Xokleng, é a maneira pra contar acerca do modo de viver deste povo, pois cada povo tem sua história, seus costumes, sua maneira de viver, sua cultura própria, sua língua diferenciada que caracteriza uma

especificidade. A maneira de entender a cultura do meu povo, é um processo participativo e coletivo, que deve estar presente na comunidade.

### **Referências Bibliográficas**

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil**: a dramática experiência dos Xokleng. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Edeme, 1973.

\_\_\_\_\_. **Os índios Xokleng: Memória visual**. Florianópolis: Ed. da UFSC; [Itajaí]: Ed. da Univali, 1997.

\_\_\_\_\_. **Nova história de Santa Catarina**. 5º ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

**Sites acessados**

[www.google.com.br/search?q=terra+indigena+laklano](http://www.google.com.br/search?q=terra+indigena+laklano) (acessado em 28 de Janeiro de 2015)

<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias> (acessado em 19/03/2015)